

Contribuições das interseccionalidades e da agroecologia para uma vigilância popular e participativa de base territorial: experiência do curso de inverno ENSP-FIOCRUZ 2022

Contributions of intersectionalities and agroecology to popular and participatory territorial-based surveillance: the experience of the ENSP-FIOCRUZ 2022 winter course

Cristiane Coradin e Simone Santos Oliveira

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP-Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Resumo

A presente sistematização explicita o processo educativo realizado em julho de 2022, intitulado “curso de inverno”, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP/Fiocruz. Nessa experiência abordamos temas como: feminismos decoloniais, interseccionalidades, cuidado, agroecologia e saúde coletiva, na perspectiva da geração de contribuições para pensarmos uma proposta participativa e popular de vigilância em saúde de base territorial. A metodologia utilizada foi dialógica, baseada em aulas expositivas dialogadas e rodas de conversas. Articulamos os conhecimentos teóricos com relatos de diferentes experiências. Como resultados apontamos os aprendizados coletivos sobre as múltiplas formas como as mulheres do campo e das cidades agenciam resistências baseadas na agroecologia e na promoção da saúde coletiva, como mecanismo de enfrentamento dos impactos do uso dos agrotóxicos, do racismo, machismo, dentre outras violências vivenciadas tanto em contextos rurais quanto urbanos. Construímos entendimentos coletivos mais complexos sobre os processos de promoção da saúde e sua relação com as interseccionalidades e agroecologia, contribuindo assim, para a elaboração de proposições acerca da construção e fortalecimento de perspectivas e redes vigilância popular e participativa de base territorial.

Palavras-chave: feminismos, cuidado, agroecologia, saúde coletiva, vigilância popular em saúde.

Abstract

The present systematization explains the educational process carried out in July 2022, entitled "winter course", carried out by the Graduate Program in Public Health, of the Sérgio Arouca National School of Public Health - ENSP/Fiocruz. In this experience, we addressed topics such as: decolonial feminisms, intersectionalities, care, agroecology and collective health, from the perspective of generating contributions to think about a participatory and popular proposal for territorially based health surveillance. The methodology used was dialogic, based on dialogued expository classes and conversation circles. We articulate theoretical knowledge with reports of different experiences. As a result, we point out the collective learning about the multiple ways in which rural and urban women act as agents of resistance based on agroecology and the promotion of collective health, as a mechanism for coping with the impacts of the use of pesticides, racism, sexism, among other forms of violence. experienced in both rural and urban contexts. We build more complex collective understandings about health promotion processes and their relationship with intersectionalities and agroecology, thus contributing to the elaboration of propositions about the construction and strengthening of perspectives and popular and participatory surveillance networks on a territorial basis.

Introdução

A pandemia de COVID-19 evidenciou a necessidade de olharmos para as conexões que envolvem sistemas agroalimentares, ambiente, trabalho e saúde. Acentuou a necessidade atual traçarmos conexões e aprofundarmos olhares que possam por um lado, enxergar o potencial da agroecologia na promoção da saúde e por outro, enxergar o potencial da saúde coletiva fortalecer a transformação agroecológica dos sistemas agroalimentares. Entendemos que relação entre saúde, educação e agroecologia é balizar na construção dessas transformações sociais.

Educação em agroecologia, como esclarecem Sousa et. al (2021), abrange tanto espaços formais quanto informais, no engajamento de territórios e sujeitos sociais que vivem a prática em seus corpos, territórios e coletivos comunitários que experienciam diferentes relações sociais e ambientais. Construída com base em pressupostos de educação popular, visa problematizar as realidades para a partir daí, construir entendimentos mais complexos, compartilhados e aprofundados sobre os problemas socioecológicos, econômicos, políticos, culturais e sanitários do nosso país. A educação popular em saúde baseia-se também em pressupostos dialógicos, e por isso fortalece a perspectiva da educação em agroecologia. Imbuídas dessa concepção que construímos esse curso de inverno. Assim, ela fortalece a construção da agroecologia, entendida enquanto prática, ciência e movimento social, por meio de redes e diálogos de saberes.

Estudos feministas rurais com agroecologia, tais como aqueles realizados por Siliprandi (2015), dentre outras autoras, evidenciam relações sociais de gênero desiguais no campo, baseadas na dicotomia binária de sexo-gênero patriarcal. Essa dicotomia constitui hierarquias de poder e reproduz desigualdades de sexo-gênero e violência contra a mulher no campo, o que passa a ser tensionado pelos movimentos sociais feministas de mulheres rurais. A organização sociopolítica de gênero, dentro da luta pela agroecologia é evidenciada nessas experiências como elo que assegura transformações coetâneas de relações de gênero com os processos de transição agroecológica (CORADIN e SCHWENDLER, 2023). Essas experiências enfrentam sobreposições de opressões de classe, gênero e raça, assim denominadas interseccionalidades (VIGOYA, 2016).

Essa construção dialoga com perspectivas ecofeministas, tais como aquelas propostas por Marie Mies e Vandana Shiva (1993), dentre outras. Os ecofeminismos identificam um marco opressor comum, patriarcal e androcêntrico que caracteriza as atividades realizadas pelos homens como superior (razão, mente, força, economia, público, entre outras adjetivações), e as mulheres e as atividades que elas realizam, mais ligadas à reprodução,

nutrição, sensibilidade, como algo inferior, de menor valor social, e por isso dominável. Também a Terra, entendida enquanto ser não-humano é relegada a uma condição de passividade e inferioridade, e passa a ser caracterizada pela racionalidade moderna ocidental patriarcal como passiva, inferior e por isso também dominável e explorável, tal como os corpos das mulheres. Assim, entende-se que se constitui um marco opressor comum que oprime ao mesmo tempo os corpos das mulheres e a Terra.

Em uma perspectiva feminista decolonial em diálogo com ecofeminismos, a construção da agroecologia envolve a tecitura de representações, relações e ações sociais que possibilitem a valorização das mulheres, seus modos de vida, subjetividades, identidades, processos de autonomia, autoestima, territorialidades e comunidades, coetâneas à transformações formas de se relacionar com as naturezas não humanas da Terra, de modo biocêntrico, conservacionista e voltados para o Bem Viver. Essa ação evoca a transformação interseccional de opressões de classe, sexo-gênero e raça, como condições de emancipação social.

É com essas reflexões que refletimos a construção da vigilância popular e participativa em saúde. Quando falamos de saúde, nos remetemos as contribuições de Canguilhem (2009), em que saúde é considerada como a capacidade de produzir variações diante do meio, tendo a capacidade de reinvenção como central no processo de reconstrução. Nesse sentido, os *modos de andar a vida* não se dissociam da experiência dos corpos e dos territórios. Uma perspectiva de vigilância popular em saúde aponta para “[...] uma luta coetânea pela defesa das populações atingidas por diferentes riscos, impactos e agravos à saúde, em estreita vinculação com sua autoafirmação cognitiva, social, política, econômica, ambiental e cultural, na defesa de seus territórios”. Essa perspectiva pressupõe “[...] a participação social e a construção colaborativa de conhecimentos acerca da vigilância em saúde, [...] baseada em uma ecologia de saberes que consolide epistemologias cidadãs” (OLIVEIRA et. al. 2023, p. 02).

A partir dessas reflexões introdutórias, o curso de inverno nos possibilitou conhecer e analisar como as mulheres agroecologistas constroem e fortalecem sua capacidade de produzir variações diante do meio, tecem e retecem a teia da vida, enquanto capacidade de resistência e de resiliência, individual e coletiva e com isso, constroem contribuições para a vigilância popular em saúde.

Descrição e reflexão sobre a experiência

A disciplina de inverno ocorreu em julho de 2022, foi realizada presencialmente e de modo remoto na Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP-FIOCRUZ, contou com cerca de 15 participantes por dia e ocorreu ao longo de uma semana letiva em turno integral. Participaram estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Saúde Pública da ENSP, pesquisadoras do Instituto Nacional do Câncer- INCA, professoras e pesquisadoras da ENSP e da Universidade Federal Fluminense – UFF e membras do Grupo de Trabalho em Saúde da Associação Brasileira de Agroecologia.

Essa disciplina se insere nas atividades do projeto de pesquisa intitulado “**Vigilância Popular em Saúde de Base Territorial: experiências, redes e formação para ação**”, como também fez parte dos compromissos de pesquisa e ensino assumidos entre pesquisadora e supervisora de pós-doutorado em Saúde Pública, autoras desse resumo. Essa formação abrangeu atividades de ensino e de pesquisa de modo articulado, servindo tanto para formar as(os) educandos presentes, quanto subsidiar pesquisas futuras.

Para contribuir com as discussões, lemos textos indicados e buscamos debatê-los com colaboradoras que pudessem nos auxiliar a compreender o que são feminismos decoloniais, ecofeminismos, interseccionalidades, suas conexões com a agroecologia e com a promoção da saúde. Somado a isso, partilhamos relatos de experiências de mulheres plurais, sejam elas engajadas na agroecologia nos campos, nas cidades e na educação multiprofissional em saúde. Ao longo das aulas, rodas de conversa e relatos, essas experiências foram colocadas em diálogo, possibilitando a construção de conhecimentos mais aprofundados e complexos sobre os temas em questão.

Figura 1. Atividades do curso



Fonte: acervo próprio

Figura 2. Atividades do curso



Fonte: acervo próprio

Finalizamos a disciplina tecendo diálogos teórico-conceituais ancorados nas experiências vividas, para pensarmos a construção de uma perspectiva de vigilância popular em saúde. Destacamos a importância de se visibilizar e valorizar os protagonismos das mulheres que constroem essas experiências, bem como da intersetorialidade no SUS.

Como metodologia avaliativa, solicitamos as/os participantes que elaborassem uma carta dirigida para alguém ou instância real ou fictícia de sua escolha, utilizando 20 palavras que mais se destacaram durante os encontros, abordando as reflexões construídas e temas discutidos.

Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Toda a disciplina foi direcionada de forma dialógica resgatando os fundamentos do círculo de cultura de Paulo Freire, sempre estimulando e articulação entre o conhecimento teórico, as experiências relatadas e a realidade das/os participantes. Exemplo de uma educação transformadora, autônoma e emancipatória, cujo pressuposto, não poderia ser diferente diante de todo referencial teórico abordado na disciplina e da produção de uma ciência cidadã, que se realiza com escuta, pertença e construção coletiva.

No conjunto das aulas, utilizamos poesia, ludicidade, como forma de produção de confiança, empatia e proximidade entre as/os participantes. Em conjunto tecemos diálogos entre aquelas que apresentaram suas experiências, abordagens, com as/os participantes do

curso. Essa metodologia nos possibilitou a construção de um ambiente coletivo empático de aprendizagem, por meio do qual as/os participantes puderam se expressar, construir e debater seus pontos e vista e avançar na construção de um pensar comum mais complexo.

Essa metodologia baseia-se na educação popular em saúde, ao mesmo tempo em que se apoia em uma perspectiva dialógica de educação em agroecologia. Encontramos aqui, mais proximidade que distância entre as pedagogias que as constituem enquanto campos em aproximação, sejam elas oriundas do campo da saúde, expressas na educação popular em saúde (VALLA, 2017), na pedagogia do cuidado, e pelo campo da agroecologia, por meio do diálogo de saberes (LEFF, 2014).

A disciplina nos possibilitou caminhar juntas/os na construção de uma síntese sobre quais situações problema as mulheres agroecologistas, sejam elas do campo ou das cidades, enfrentam e quais potenciais elas colocam em ação para restituição da sua saúde. Com isso, entendemos melhor o que são e como podem se expressar os feminismos decoloniais, ecofeminismos, sua relação com o corpo, territórios, comunidades, cuidado, saúde e a tecitura da teia da vida. Aqui nos aproximamos do pensamento crítico e reflexivo de Paulo Freire, que viabiliza uma educação fundamentada na vida e no cuidado do outro e do mundo. Entendemos como diferentes modos de andar a vida resistem mediante situações e conflitos e injustiças socioambientais, atravessados por interseccções de sexo-gênero e raça. Com esse prisma, problematizamos a institucionalidade do SUS, destacando a importância da construção da determinação social da saúde, com foco na atenção primária e na intersetorialidade, por meio da apresentação de uma experiência sobre educação profissional em estratégia saúde da família com ênfase em agroecologia. Por fim, encerramos nosso curso com uma reflexão coletiva sobre o que viemos acumulando enquanto uma proposição de vigilância popular em saúde.

As cartas avaliativas produzidas pelas/os participantes expressaram esses aprendizados coletivos. Como palavras chaves, as /os participantes destacaram agroecologias, bem viver, natureza, justiça social, giro-ecoterritorial, corpo-território, feminismo, ecofeminismo, interseccionalidade, reconectar, ancestralidade, relações de afeto, ontologia, cosmogonia, descolonizar, cuidado, sanación, não delegar a saúde, determinação social da saúde, escutatória, cidadania, mobilização, emancipação, organização comunitária, espaços-territórios repolitizados, tessitura de conexões, culturas, (re)produção de saúde, reprodução do modo de vida, trabalho, pedagogia do cuidado, ética de democratização do cuidado, autonomia, vigilância popular, ação sistemática e contínua, pedagogia do território, refletir para agir, promoção da saúde, inédito viável.

Com essas palavras e mensagens endereçadas a distintos sujeitos, caminhamos coletivamente para a construção de sínteses comuns, e que apontaram contribuições para construirmos perspectivas de vigilância popular em saúde de base territorial.

“Precisamos de uma pedagogia do cuidado, pedagogia do território que possibilite um giro eco-territorial no viver, produzir e saber. Esse giro, ou gira (pensando nos feminismos), pode ser um inédito viável para repensarmos nossas relações e nossa Sanación”

Considerações finais

A experiência desse curso de inverno possibilitou aproximações maiores entre o campo da agroecologia e da saúde coletiva. Por meio de uma metodologia dialógica, criamos um espaço empático de aprendizagem coletiva, onde quem fala ouve e quem escuta fala. Assim, potencializamos a construção de entendimentos comuns mais complexos sobre o que é a agroecologia, como as mulheres se engajam na construção dessas experiências e como apoiam a construção da saúde. Compartilhamos experiências de mulheres múltiplas, problematizamos interseccionalidades, feminismos, corpos, territórios, comunidades, construção da saúde e a institucionalidade do SUS. Assim, construímos um novo pensar coletivo, mais complexo, crítico e aprofundado sobre potenciais contribuições das interseccionalidades de gênero e raça e da agroecologia na construção de uma perspectiva de vigilância popular em saúde.

Referências

- CURRIEL, C. O. Hacia la construcción de un feminismo descolonizado. In: MIÑOSO, Y, E; CORREAL, D, G; MUÑOZ, K, O. (org) **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales** en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 201. P. 325-335.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CORADIN, C. SCHWENDLER, S. F. Histórias de vida de mulheres Sem Terra: divisão sexual do trabalho na agroecologia. *Revista Estudos Feministas*. 2023. No prelo.
- MIES, M; SHIVA, V. **Ecofeminismo**. São Paulo: Epistemologia e Sociedade. 1993
- LEFF, E. **La Apuesta por la vida: imaginación sociológica e imaginarios sociales** en los territorios del sur. São Paulo: Editora Vozes. 2014.
- LUGONES, M. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, jul.-dic. 2008.

OLIVEIRA et al. Vigilância popular em saúde: conceitos, experiências e desafios. **Interface-comunicação, saúde, educação**. 2023. (No prelo).

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015

SOUSA, R. P. et. al. Educação em agroecologia. In: DIAS, A. et.al. (Org's). **Dicionário de educação e agroecologia**. 1ed. São Paulo: Expressão popular. 2021. p.361-368.

VALLA V.V. Conversão à pobreza, um conceito fundamental para compreender a formação de muitos educadores populares. In: VASCONCELOS, E. M, PRADO, E.V (orgs.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. 2a ed. São Paulo: Hucitec; 2017. p. 90-5.